



A sexualidade masculina na velhice e os desafios impostos aos homens frente às ameaças de castração

Male sexuality in elderliness and the challenges imposed on men facing the threats of castration

Jéssica Rogéria da SILVA¹

Lucas Eduardo Pereira BORBA²

Fernanda Wanderley Correia de ANDRADE³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre os fenômenos que permeiam a sexualidade masculina frente às ameaças de castração que adquirem matizes diferentes ao longo da existência de um homem. O foco deste trabalho recaiu, sobretudo, sobre a fase da velhice, quando estas ameaças não se encontram apenas no campo do imaginário, mas atingem a dimensão real, quando esse corpo está passando pelo processo de envelhecimento e não apresenta mais a mesma virilidade e desempenho sexual da juventude. Com base nesses elementos, em termos metodológicos, a elaboração deste artigo se deu por levantamento bibliográfico a respeito do tema, explorando conceitos do campo da teoria de gênero e da psicanálise. Percebeu-se que a consciência da finitude e a diminuição da potência sexual, que podem se intensificar nesta fase de vida, reativam, nos homens, as ameaças de castração, expressando em fantasias de aniquilação e intensas angústias. Podem, diante disto, desenvolver uma série de manifestações sintomáticas para lidar com as mesmas. Este tema proposto ainda se constitui um campo pouco explorado, fazendo-se necessárias mais discussões, para que os profissionais de psicologia estejam mais preparados para acolher as angústias e especificidades do sujeito que se encontra nesta fase de vida.

Palavras-chave: Envelhecimento. Masculinidade. Sexualidade. Psicanálise.

Resumen: This article aims to reflect on the phenomena that permeate male sexuality in the face of the threats of castration that acquire different gradations throughout the existence of a man. The focus of this work was mainly on the stage of elderliness, when these threats are not only in the realm of the imaginary, but reach the real dimensions of the body is undergoing the process of aging and does not present the same virility and sexual performance of their youth. Based on these elements, in methodological terms, the elaboration of this article was done by a bibliographical survey on the subject, exploring concepts from the theory of gender and

<http://dx.doi.org/10.24024/23579897v29n12020p85094>

¹ Graduada em Psicologia | FAFIRE | E-mail: jessicargdasilva@gmail.com

² Pós-graduando do Curso de Intervenções Clínicas na Abordagem Psicanalítica | FAFIRE | E-mail: lucaseduardoborba@hotmail.com

³ Doutora em Psicologia Cognitiva | UFPE | Professora do Curso de Psicologia | FAFIRE | Orientadora da pesquisa | E-mail: fernandaa@prof.fafire.br

psychoanalysis fields. It was noticed that the awareness of finitude and the diminution of the sexual potency that tend to be intensified in this phase of life, reactivating in men, the threats of castration, expressed in fantasies of annihilation and intense anguish. They may, on the basis of these elements, develop a series of symptomatic manifestations to deal with them. This proposed theme is still an unexplored field, requiring more discussion so that psychology professionals are better prepared to take into consideration the anxieties and specificities of an individual who is in this phase of life.

Palabras clave: Aging. Masculinity. Sexuality. Psychoanalysis.

Introdução

O conceito de masculinidade pode ser compreendido por um espaço simbólico que estabelece padrões de comportamentos, atitudes e emoções a serem seguidos, contribuindo para a estruturação da identidade do homem. Assim, a partir de uma perspectiva de gênero, essa definição diz respeito aos atributos, valores e condutas esperadas de um homem em determinada cultura, o que pode variar de acordo com o tempo e os distintos espaços sociais (GOMES, 2011).

A atuação sexual do homem costuma ser influenciada por alguns parâmetros que circulam no imaginário social, em torno de sua virilidade, que valorizam o tamanho do pênis, que exigem uma ereção imediata e que reduzem a sexualidade à área genital. Essas ideias veiculadas com tamanha força, referentes à valorização da potência do pênis, acabam por ser consideradas entre os homens (e também entre as mulheres) como verdades absolutas da vida sexual masculina. Portanto, o fracasso sexual do homem ou a sua impotência não correspondem às normas masculinas estabelecidas pela sociedade, sendo motivo de piadas e brincadeiras, desqualificando o homem que sofre dessa disfunção (NOGALES, 2006).

Por volta da meia idade, os homens entram em uma fase denominada de climatério masculino, na qual ocorrem modificações hormonais que alteram o funcionamento do corpo e repercutem na relação que o indivíduo estabelece consigo mesmo, com os parceiros amorosos e com a sociedade de uma forma geral. No homem, pode ocorrer a diminuição dos níveis de testosterona para abaixo do normal, caracterizando-se como Deficiência Androgênica do Envelhecimento Masculino (DAEM), que pode ser descrita como um conjunto de sintomas composto por perda de energia, depressão, diminuição da libido e disfunção erétil (CAIROLI, 2004).

Desta forma, a DAEM pode ser vivida por alguns homens como uma ferida à sua masculinidade, pela diminuição do desejo sexual e/ou perda da capacidade de ereção. O homem terá que enfrentar pessoalmente esta realidade, a concretude de uma possível e assustadora morte de seu estandarte, representante do seu poderoso “Falo”. Ademais, segundo Eizirik (2014), o desejo e a prática sexual na velhice é rechaçada, compreendida como algo exclusivo entre jovens, excluindo totalmente a questão da masculinidade. Para que o homem ainda se sinta viril, pode procurar exibir qualidades e/ou adquirir objetos e produtos que o liguem ao poder simbólico. Como veremos no decorrer do artigo,

o complexo de castração, nesse momento de vida, pode ser reativado, pois a morte e a impotência não são mais uma abstração, tornam-se ameaças reais (CHERIX, 2015).

Sendo assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre os fenômenos que permeiam a sexualidade masculina frente às ameaças de castração que adquirem matizes diferentes ao longo da existência de um homem. O foco deste trabalho recaiu, sobretudo, sobre a fase da velhice, quando estas ameaças não se encontram apenas no campo do imaginário, mas atingem a dimensão real, quando esse corpo está passando pelo processo de envelhecimento e não apresenta mais a mesma virilidade e desempenho sexual da juventude.

Em termos metodológicos, foi realizado levantamento bibliográfico a respeito do tema, tomando como referencial as contribuições teóricas da teoria de gênero e da psicanálise. A sexualidade masculina na velhice é ainda um campo pouco explorado, sendo, inclusive, considerada como tabu, e, portanto, justifica-se uma reflexão sobre tal temática neste artigo.

O presente artigo foi dividido nos seguintes tópicos. No primeiro, foi realizada discussão sobre a construção da identidade masculina, tomando como referência o conceito de masculinidade hegemônica, na perspectiva de gênero, e a conduta sexual esperada para um homem. Logo em seguida, no segundo tópico, foram abordados o complexo de Édipo e a condição psíquica masculina pelo olhar psicanalítico. E, por último, foram tratados, no terceiro tópico, os desafios do sujeito velho e o confronto com suas angústias de castração à luz da psicanálise.

1. A construção da identidade masculina e a conduta sexual esperada para um homem a partir da perspectiva de gênero

De acordo com Joan Scott (1989), o papel do gênero no corpo social é consolidar o discurso que constrói uma identidade do que é ser homem e mulher, o qual encarcera os sujeitos em seus limites, impondo como cada um deve ser diante do mundo. Essa construção expressa ainda as desigualdades binárias, diferenças observadas como naturais ao longo da história, colocando homens e mulheres em categorias homogêneas e sem relações entre si. O gênero fornece significados às diferenças entre os sexos, transformando seres biologicamente machos e fêmeas em homens e mulheres sociais.

O conceito de sexualidade se modifica nos diferentes espaços culturais e ao longo das décadas, fazendo com que, para além de ser um comportamento individual, seja também uma consequência cultural. A conduta sexual pode ser observada a partir de roteiros da nossa cultura, ou seja, envolvem os elementos simbólicos e não verbais que emergem, inclusive, nas relações de gênero. As pessoas acabam por se apropriar desses roteiros, reescrevendo e organizando para atender às expectativas concretas de suas vidas (GAGNON, 2006).

Esse movimento de construção da identidade masculina social e psíquica aponta para um cenário histórico-cultural que indica o que é uma sexualidade “normal”, em relação ao que é esperado de ser homem. Ser homem é ser heterossexual, viril e penetrador, mesmo para quem se diferencia deste padrão. A constituição masculina, a partir deste conceito de masculinidade hegemônica, evidencia as expectativas que giram em torno do significado

de ser homem. Quanto mais o homem se orgulhar de sua potência, mais se preocupará em defendê-la e mais suscetível estará frente ao medo de perder a estimada virilidade. Simbolicamente, a ereção surge como signo de uma masculinidade desejável, de uma sexualidade masculina estereotipada, sendo abominada qualquer “falha”, porque esta significa o fracasso pessoal e social (CANESQUI; SEPARAVICH, 2013).

As primeiras experiências masculinas surgem não somente nas relações com outras mulheres, mas entre os próprios homens. Aprender a estar com os homens, nas primeiras atividades esportivas, como, por exemplo, o futebol, é inicialmente uma maneira de dizer “eu quero ser como os outros rapazes”. Geralmente, os meninos mais velhos impõem a lei dos maiores, ensinando-lhes as regras e mostrando-lhes o que é ser homem. Além disso, ser homem é se distinguir de tudo que é oposto. Se caracteriza pela dissociação do mundo das mulheres e das crianças. Os não-ditos que cercam essa fase de transformações apontam que as aprendizagens ocorrem, muitas vezes, em ritos de sofrimento para o menino. Nos primeiros grupos de meninos, entra-se em uma espécie de luta para se estar no mesmo nível que os outros e, depois, para ser o melhor. É a violência dirigida inicialmente contra si mesmo, no recalçamento das emoções, tristezas e dores, universo mais compatível com o feminino, para, posteriormente, lançar essa violência para o outro (WEZER-LANG, 2001).

Quando falamos da iniciação sexual masculina, partimos da premissa da sua autodescoberta, que se dá pela prática da masturbação, que aparece como experiência quase que universal para os rapazes na adolescência. Essa experiência, particularmente no caso dos homens, além de ser indicadora de virilidade e de potência, surge também como uma preparação para que a sexualidade masculina seja atestada nas relações com as mulheres (BOZON, 2004).

É nesse contexto que a relação de crenças sobre a sexualidade masculina pode ser considerada como regras impostas para controlar o comportamento dos homens. Entre elas, a não expressão de sentimentos considerados femininos, como medo e confusão. A performance sexual pautada na ereção, penetração e orgasmo como as metas a serem atingidas. O homem nunca deve estar indisposto para o sexo. O cenário atual mostra o uso de anabolizantes e Viagras, inclusive entre os jovens, como reforços à ereção e à performance corporal. As propagandas veiculadas associam o uso de medicamentos ao desempenho sexual reforçado como garantia de ereção duradoura (BATISTA, 2005).

A partir destas reflexões realizadas acima, percebe-se a carga emocional que o homem carrega para jamais “falhar” no contato sexual, mostrando sempre a sua força, potência e virilidade, e nunca as suas fragilidades e fraquezas. Neste momento, vale a pena adentrar na noção de Complexo de Édipo, à luz da psicanálise, para compreender em que parâmetros está referendada a condição psíquica masculina.

2. Complexo de Édipo e a condição psíquica masculina pelo olhar psicanalítico

Adentrando os processos intrapsíquicos da sexualidade humana, não há como falar em desenvolvimento psicosssexual humano para a psicanálise sem abordar o tema do

Complexo de Édipo, postulado por Sigmund Freud. Para ele, a maneira como se deu a passagem pelo Édipo na infância revela a origem da nossa identidade sexual e dos sofrimentos neuróticos na fase adulta. Sendo assim, o Édipo seria a experiência vivida por uma criança por volta dos três-quatro anos, que, movida por um desejo sexual incontrolável, tem que aprender a limitar seus impulsos e ajustá-los aos limites do meio social e de seu próprio corpo e consciência imatura. O essencial da crise edípiana é o sujeito aprender a canalizar seu desejo transbordante (NASIO, 2007).

Desta forma, o prazer sexual para o menino, na fase edípiana, está focado no pênis. O mérito imaginário do órgão genital nessa fase é tão intenso que o menino faz dele o seu objeto narcísico mais valioso. Assim, o culto ao pênis eleva o órgão ao nível simbólico do poder absoluto e da força viril. Por essas mesmas razões, e por ser um objeto frágil e exposto aos perigos, o pênis não é apenas símbolo de poder, mas de fraqueza e vulnerabilidade. Essa representação simbólica do pênis é definida pela psicanálise como “O Falo”. O Falo não é o órgão por si só, mas a representação de um pênis fantasiado, idealizado, símbolo de onipotência. Todas essas fantasias de prazer que a criança na fase fálica vivencia desencadeiam nela uma profunda angústia: a fantasia em ser punida com a mutilação do seu Falo é nomeada pela psicanálise como “angústia da castração”, tendo essa angústia uma origem inconsciente, sendo assim, não é sentida racionalmente pela criança. Enquanto o sujeito desejar e obtiver prazer, ficará angustiado. Consiste na angústia em desejar e ser punido por isso, essa é a base de toda neurose (NASIO, 2007).

Na idade adulta, o complexo de castração causa um determinado grau de menosprezo pela figura feminina. A mulher, percebida como castrada, ou seja, sem o objeto-Falo significante de poder, é vista como inferior pelo homem. A noção de neurose se dá pelo retorno da angústia de uma castração mal recalçada na infância. Além desse retorno neurótico, é inegável que a ameaça da castração permanece onipresente na relação cotidiana que o homem estabelece com seu órgão genital, isto é, com a sua noção de virilidade, o que repercute também na sua relação com o meio.

Apesar do recalçamento pela criança edípiana, o Complexo de Édipo marca para sempre a condição psíquica masculina. A atuação clínica nos mostra que o homem é um sujeito particularmente medroso diante da dor física e preocupado em garantir a sua permanente potência. Essencialmente, o homem sofre com qualquer possibilidade de perder o poder que acredita possuir, especialmente se for para uma mulher. Essa covardia, observa Nasio (2007), nasce do medo originário do narcisismo excessivo ao corpo e da crença em ser superior por possuir o Falo. A atenção a esse corpo não significa somente a aparência física, mas ao seu vigor e integridade.

O modo como o sujeito lidou com a angústia da castração no Complexo de Édipo na infância e durante a sua vida adulta mostrará como ele irá lidar com a redução da sua funcionalidade física na terceira idade. Esse momento vai reativar a marca psíquica da angústia da castração e o conteúdo recalçado. Os homens com traços narcísicos predominantes irão encontrar dificuldade em resignificar essas perdas, pois não querem abrir mão do que foram (viris e potentes) e do que querem continuar a ser. Envelhecer, nesse sentido, é um

processo totalmente subjetivo e particular, marcado pela inquietude que problematiza o encontro da realidade externa com a realidade psíquica (CHERIX, 2015).

A seguir, serão tratadas as questões referentes ao diálogo frequente com a morte e vivências de impotências decorrentes das limitações corporais que se tornam extremamente presentes na vida de um sujeito que se encontra na velhice, fazendo-o enfrentar angústias e fantasias de aniquilação, reativadas pelo retorno das ameaças de castração infantis, que agora se encontram não apenas na dimensão imaginária, mas, sobretudo, no campo real.

3. O sujeito velho e o confronto com suas angústias de castração à luz da psicanálise

As limitações corporais e a consciência da temporalidade são problemáticas que aparecem reiteradamente no discurso dos velhos. Corpo e tempo se entrecruzam no devir do envelhecimento, sendo as problemáticas advindas deste entrecruzamento perpassadas pelo contexto social no qual o sujeito velho vive e pela sua própria estrutura psíquica. Apesar da noção de velhice como categoria social, surgirão incontáveis velhices, cada uma da sua forma, gerando diferentes nuances e intensidades (GOLDFARB, 1998).

A dificuldade de categorizar a velhice consiste em que ela não é unicamente um estado, mas um constante e sempre inacabado processo de envelhecer. Portanto, segundo Jack Messy (1993, p. 33), “se o envelhecimento é o tempo da idade que avança, a velhice é a idade avançada, entenda-se, em direção à morte”. Se o limite da vida humana é a morte, a velhice é a fase da existência que está mais próxima deste horizonte. Então, o sujeito velho que fala na clínica e na vida, fala de temporalidade, em termos de sua consciência de finitude/morte (GOLDFARB, 1998).

Além disso, fala também de uma representação psíquica de corpo que resiste a envelhecer. Ser velho pode significar perceber sua própria impotência, aceitar a força e destino da pulsão de morte e, apesar de tudo, continuar a lutar pela vida. Luta difícil, porque o luto que deve ser elaborado é o de sua própria vida, luto por um objeto ainda conservado, porém condenado. E a ameaça de aniquilação pela morte não é um sentimento ao qual alguém se adapte. O Eu, antes de qualquer outra coisa, acredita ser imortal (GOLDFARB, 1998).

Portanto, a relação do sujeito com o tempo é extremamente importante. O sujeito se configura nas três dimensões do tempo: diante dos obstáculos do presente, evoca o passado em busca do sentido necessário e joga para o futuro as possibilidades de reparação. Porém, se o futuro não mais existe, ou melhor, se há uma contração do futuro, o sujeito velho se afunda em um futuro de não-ser que o arranca violentamente do campo do desejo (GOLDFARB, 1998).

É inevitável não associar as inúmeras experiências de perdas, que ocorrem ao longo da vida e que, sem sombra de dúvidas, intensificam-se na velhice, às ameaças de castração. Assim, a castração é uma experiência psíquica inconsciente, sem cessar, renovada ao longo da existência (NASIO, 1989, *apud* MESSY, 1999). Ou seja, cada vez que surgem novas experiências de separação, as quais remontam às separações iniciais entre mãe-bebê, marcada pela falta de complementação, ressurgem uma possível angústia que impregna a vida. Sendo

assim, a castração é um corte que revela uma falta, e pensar na própria morte pertence à mesma categoria. A angústia surgida seria, então, uma angústia de castração elaborada a partir da ideia da perda de si mesmo, intensificada com a velhice, quando o diálogo com a morte se torna mais frequente.

No que diz respeito, especificamente, à sexualidade, à medida que o homem envelhece, confronta-se com o perigo da perda de sua potência física, na qual o órgão viril pode falhar e, para além do órgão, o falo imaginário, trazendo à tona algumas revivescências edípicas, potencializando as fantasias de aniquilamento e intensas angústias. Por conseguinte, mesmo ainda vivo, diminuindo ou perdendo a sua potência sexual, compromete a sua identidade masculina.

Então, quais são as soluções encontradas diante do Real, em termos de manifestações sintomáticas, que o sujeito velho pode lançar mão de forma defensiva para lidar com a angústia frente ao envelhecimento e suas repercussões na sexualidade?

Portanto, é possível dizer que a iminente perda de função do órgão sexual no climatério masculino faz surgir a angústia, sentida como desprazer na infância (MUCIDA & PINTO, 2014; MESSY, 1999). Os homens no climatério masculino têm a preocupação que o seu estandarte possa desmoronar, requerendo que as mulheres, através do seu olhar, possam ratificar para ele que o seu Falo está em seu devido lugar. Assim, Coelho (2001) traz, em termos de manifestações sintomáticas tomadas enquanto soluções encontradas diante do Real, exemplos, nos quais os homens passam a utilizar-se de “injeções vasoativas (prostaglandina), cirurgias arteriais e venosas e implantes de silicone” para manter a potência sexual. Inclusive, com medo de falhar diante da parceira e de si mesmos, podem, assim, aumentar excessivamente sua atividade masturbatória, atividade solitária que o protege de revelar a sua impotência.

O homem na meia-idade pode ter seu equilíbrio abalado quando ele conjuga sua vida com uma mulher que investiu na sua carreira, que tem poder e que, em sua fantasia, pode dominá-lo por sua inteligência, pois a autoestima no homem não é apenas decorrente do seu poder sexual, mas também de sua função profissional, sendo essas duas fontes de gratificações complementares (BENEDEK, 1973, *apud* LAZNIK, 2012). Mulheres que tiveram sucesso na vida podem reativar nos homens fantasmas da infância de dominação por uma imago materna fálica, fazendo com que os mesmos se sintam ameaçados em estabelecer relações com as mesmas (NEUTER, 2001). Além disso, essas mesmas mulheres, que também estão passando pela menopausa, causam um horror nesses homens, visto que refletem a passagem do tempo e a proximidade com a morte (LAZNIK, 2012).

Então, em alguns homens, no período do climatério, surge o desejo de se lançar em certos amores, com mulheres bem mais jovens do que eles, na tentativa de reafirmar sua virilidade. Assim como é relatado por Coelho (2001), um caso de um homem de 62 anos que passou a viver com uma mulher de vinte e poucos anos. E a partir de então, ele satisfaz seu desejo sexual diariamente, embora sua necessidade pudesse ser atendida com um coito por semana, apenas. Este exagero acaba provocando graves sintomas prostáticos, micções frequentes, dor pélvica e, mais tarde, impotência total, porque sua próstata não consegue acompanhar o ritmo anormal.

Mostrar a sua virilidade frente a mulheres jovens, não apenas pela sua potência física, mas também pela potência socioeconômica, auxiliando essas jovens a galgarem os seus projetos de vida. Alguns até se lançam em novas paternidades, o que pode se caracterizar outra manifestação sintomática, envolvendo-se com essas mulheres mais novas que lhes darão filhos, símbolos de imortalidade, na tentativa de afugentar as fantasias de aniquilamento. A clínica mostra que o homem, ao engravidar uma mulher jovem, pode ter sua virilidade afirmada, o seu poder confirmado, o adiamento de sua vida além de sua morte e a garantia da perpetuação da genealogia (STRYCKMAN, 1993, *apud* LAZNIK, 2012).

De acordo com Neuter (2001), amor e procriação criam tentativas de cura da angústia que surge na velhice e da iminência da morte. Todo novo amor, independentemente da idade do amado, produz nos amantes um sentimento de renascimento.

Freud escreveu aos 50 anos:

Nós afirmamos de boa vontade que a morte é o fim necessário da vida (...) No entanto, na realidade, tínhamos o hábito de nos comportar como se fosse de outro modo. Nós manifestamos uma nítida tendência em colocar de lado a morte, para eliminá-la de nossas vidas. Tentamos abafar o caso (...) Ninguém acredita na eventualidade de sua própria morte (...) No inconsciente, todo mundo está convencido de que é imortal (FREUD, 1981, *apud* LAZNIK, 2012, p. 56).

Por fim, é possível dizer que a travessia entre a vida e a morte é marcada por diversas perdas. Diante do fato de que o inconsciente atemporal não acompanha o Real do corpo, o homem é intimado a se confrontar com as inúmeras transformações de seu corpo e a passagem do tempo em direção à morte e a reagir, dentro de suas possibilidades, frente às ameaças de castração. Espera-se que essa travessia, apesar de dolorosa, possa ser criativa e saudável.

Considerações finais

Para abordar a temática proposta neste artigo, tomou-se como referencial teórico a psicanálise. Entretanto, antes de adentrar neste cenário teórico, foi preciso abordar a masculinidade como uma construção social, ou seja, a construção da identidade do homem está pautada em um cenário histórico-cultural no qual são estabelecidos parâmetros para a sexualidade masculina, predizendo uma lista de obrigações e condutas esperadas para um homem.

Tomando como referência, posteriormente, a psicanálise, a sexualidade masculina foi retratada como uma construção psíquica, tendo como uma importante encruzilhada estrutural as experiências vividas pelas crianças no complexo de Édipo. A angústia de castração advinda do Édipo perpassa toda a vida do sujeito, sendo reativada pelas diversas outras perdas que fazem parte da existência. Assim, é na velhice, quando as diversas limitações do corpo e a proximidade da morte são reais, que se intensificam as angústias, produzindo fortes impactos na vida de um sujeito velho.

Há o temor de que o seu estandarte possa desmoronar e, para além do órgão, que o Falo imaginário possa faltar. É durante o climatério masculino que o homem constata a sua

diminuição de poder e, frente a isso, apresenta algumas manifestações sintomáticas que podem prejudicar seus relacionamentos sociais e, possivelmente, sua saúde física e mental. Nesse momento, é possível perceber uma procura maior por parceiras mais jovem, numa tentativa de resgatar sua virilidade, assim como assumir novas paternidades. Os filhos são símbolos de imortalidade, fazendo afugentar as fantasias de aniquilamento e sua angústia de morte.

Por fim, ainda é perceptível a escassez de conteúdos relacionados à sexualidade no envelhecimento masculino. É preciso ampliar as reflexões em torno de tal temática. Para isto, é fundamental a criação de espaços de escuta para que os homens, nesta fase de vida, possam, diante desta cultura que lhes impõe uma posição de fortaleza e de poder, revelar e elaborar os seus temores e suas fragilidades, já que a solidão e o silêncio em que se encontram podem prejudicar radicalmente a qualidade de vida.

Referências

- BATISTA, Daniela de Souza. **Estudo exploratório variáveis relacionadas ao uso de viagra, cialis e levitra por jovens sem disfunção sexual**. Brasília, DF: UNICEUB, 2005.
- BENEDEK, Therese. Climaterium: a developmental phase. In: **Psychoanalytic Investigations**, New York: Quadrangle, 1973, p. 322-345, 1948.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- CAIROLI, Carlos. Eurico. Dornelles. Deficiência androgênica no envelhecimento masculino (DAEM). **Revista da AMRIGS**, Minas Gerais, v. 4, n. 48, p. 291-299, 2004.
- CHERIX, Kátia. Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 18, n.1, jun. 2015.
- COELHO, Saldanha. **Envelhecer e ser feliz**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- EIZIRIK, Cláudio L.; AGUIAR, Rogério Wolf de.; SCHESTATSKY, Sidnei S (org.). **Psicoterapia de Orientação Analítica: fundamentos teóricos e clínicos**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- FREUD, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina. **Obras Completas**: Companhia das Letras, v. 18, 1933.
- FREUD, Sigmund. (1923) *Le Moi et le Ça*, OC, v. XVI. Paris: PUF, 1981, p.300-301.
- GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- GOLDFARB, Delia Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- GOMES, Romeu. A. Sexualidade masculina em foco. In: GOMES, Romeu (org.). **Saúde do homem em debate**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.
- LAZNIK, M-C. O complexo de Jocasta. **Estudos Psicanalíticos**. Belo Horizonte, n. 37, p. 79-92, jul. 2012.
- MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**. São Paulo: Aleph, 1999.
- MUCIDA, Angela; PINTO, Jeferson Machado. Sintomas de Velhos? **Caderno psicanalítico**. Rio de Janeiro: Zahar v. 36, n. 30, p. 45-60, jun. 2014.
- NASIO, J-D. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- NASIO, J.D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- NEUTER, P. O mito do sequestro da Europa: considerações atuais sobre o desejo do homem ao amanhecer e meio-dia da vida. **O boletim freudiano**. Bélgica, n.37-38, 2001.

- NOGALES, Agripino. **Mitos sexuais da masculinidade**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2006.
- SEPARAVICH, Marco. Antonio.; CANESQUI, Ana. Maria. Saúde do Homem e Masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma Revisão Bibliográfica. **Saúde soc.** São Paulo, v. 22, n. 2, p. 415-428, 2013.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. **Gênero e as políticas da história**. Nova Iorque: Columbia University. 1989.
- STRYCKMAN, Nicole de. Desejo por uma criança. **O Boletim Freudiano**, Bélgica n. 21, p. 91-92, 1993.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.** [S.l.], ano 9, n. 2, p. 460-481, 2001.

Recebido em: 07.10.2019

Aprovado em: 10.03.2020

Para referenciar este texto:

SILVA, Jéssica Rogéria da; BORBA, Lucas Eduardo Pereira; ANDRADE, Fernanda Wanderley Correia de. A sexualidade masculina na velhice e os desafios impostos aos homens frente às ameaças de castração. **Lumen**, Recife, v. 29, n. 1, p. 85-94, jan./jun. 2020.